

soluções diferenciadas

conjunto Zezinho Magalhães Prado

(depoimentos a H.Y.S.)



Em 1963, a Cecap - Caixa Estadual de Casas Populares escolheu uma grande área às margens da Via Dutra, numa zona bastante industrializada próxima a Guarulhos, para edificar apartamentos destinados a trabalhadores sindicalizados.

Vilanova Artigas, destacado para elaborar o projeto, convidou outros arquitetos, que integraram sua equipe, entre eles, Fábio Pentead, Paulo Mendes da Rocha, Renato Nunes, Arnaldo Martino e Ruy Gama. O resultado: um conjunto de edifícios confortáveis e de baixo custo, modelo do que pode ser realizado "quando o governo tem objetivos nítidos", declara Paulo Mendes da Rocha.

A estreita colaboração entre a Cecap e o Governo do Estado foi responsável pela liberação de áreas disponíveis para a escolha do local apropriado, dos financiamentos e do gerenciamento dos projetos por meio de concorrência. Em área de 178 ha distribuem-se 10 mil unidades, com

capacidade para abrigar 70 mil habitantes — uma pequena cidade que deveria ser provida de escolas, creches, centro comercial, postos de saúde, segurança, espaços físicos que deveriam proporcionar condições de vida adequadas aos moradores.

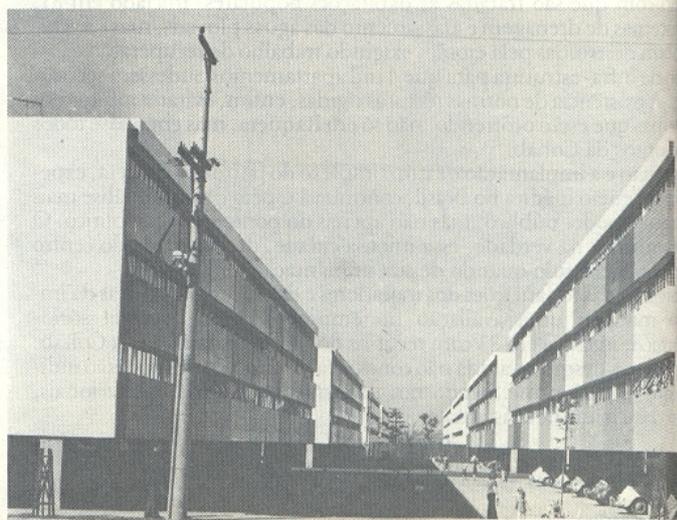
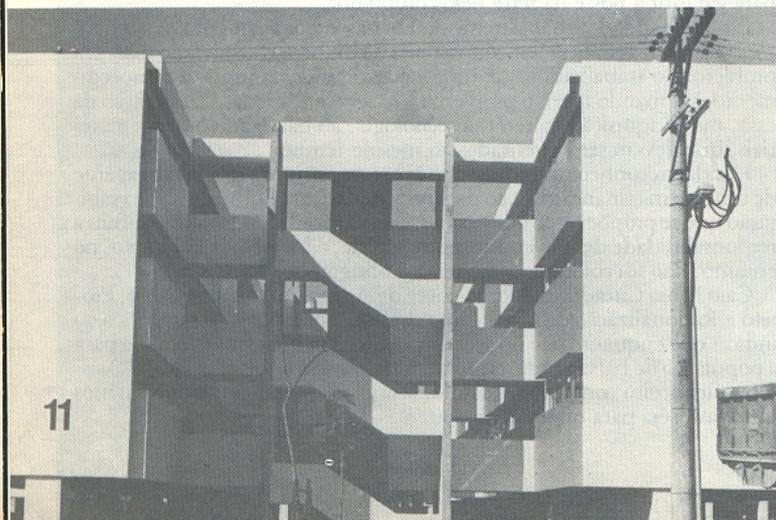
Os edifícios de três andares são providos de elevadores. A solução em pilotis permitiu espaço coberto para as crianças, abrigo para automóveis, impedindo também apartamentos junto ao solo, o que garante esquema idêntico de circulação em todos os pavimentos.

Os blocos possuem duas faces livres, assegurando ventilação e vista ampla. Cada conjunto, geminado por cinco escadas, contém 60 apartamentos com área individual de 64 m². Nos apartamentos há uma estreita relação entre sala e cozinha, separadas apenas por uma ligeira divisória, conservando a tradição popular de cozinha como centro da casa.

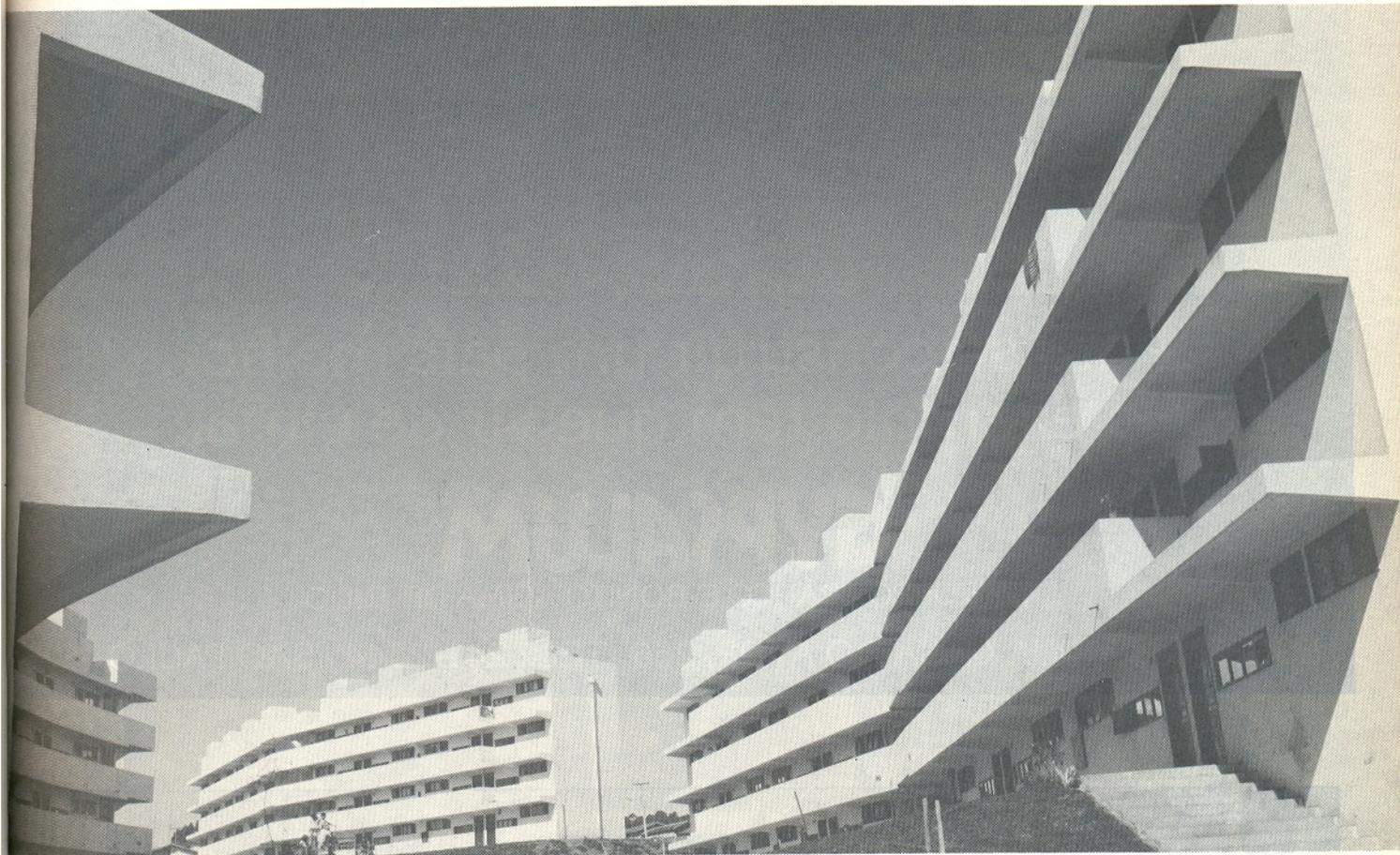
Na construção foram empregados métodos convencionais, estrutura moldada no local, utilização de blocos de concreto, e "sistema túnel" nos últimos edifícios realizados. As coberturas são lajes impermeabilizadas.

No projeto existe clara visão da relação entre a arquitetura espacial, permitindo a leitura do conjunto e suas intenções. Assim, há uma ligação entre o grupo de 400 habitações, que Artigas definiu em freguesias, em torno das quais foram planejados pequeno comércio e escola.

Mendes da Rocha diz que a idéia, no entanto, não era a de promover a auto-suficiência do conjunto mas integrá-lo na vizinhança. "Tentamos apenas suprir as necessidades do cotidiano: da universitária, o trabalho, não estavam. Ideologicamente — reflete o arquiteto — se pensou em fazer um conjunto isolado mas um elemento de transição para o bairro, ou seja, mais um espaço para a cidade."



conjunto Padre Manoel da Nóbrega



Para o arquiteto Joaquim Guedes, autor do projeto, a experiência de criar em 1973 um conjunto de habitação popular, reduzido a áreas mínimas e organizar espaços com recursos financeiros e tempo limitados, constituiu um desafio.

Projetar 42 edifícios com 700 apartamentos, que faziam parte de um plano mais amplo com casas e equipamentos comunitários, para uma população egressa de favela e com renda incerta, determinou, acima de tudo, uma postura realista. Segundo Guedes, o projeto feito para a Cohab de Campinas resultou de conceitos "desvinculados de definições idealistas", bastante polemizados na ocasião.

Blocos de pequeno porte acomodam-se nos terrenos acidentados a eles destinados, evitando-se que as faces ou fachadas se situassem paralelas a fim de propiciar privacidade aos

moradores. Cada edifício tem quatro pavimentos, cada um com quatro unidades.

Ao invés de áreas de lazer destacadas do espaço de habitar, os acessos para a rua passam a ter essa função, a critério dos próprios moradores. Nos prédios, isolados e iluminados por dois lados opostos, a circulação de acesso é feita por um deles, servindo de proteção contra o sol. Todos os apartamentos abrem-se para esse corredor externo, de 1,50 m, que leva ao espaço comum definido pela implantação dos edifícios.

A proposta permite muita flexibilidade ao espaço disponível de cada unidade, apenas 40 m², dispondo as atividades de modo a "libertar a sala de certos preconceitos".

A planta básica compõe-se de cinco dependências com várias alternativas: um quarto fe-

chado, outro opcional, sala, banheiro e cozinha, eventualmente ligada à sala. A circulação interna dispensável foi eliminada e a entrada localiza-se próxima à cozinha. A lavanderia foi instalada na cobertura dos edifícios porque as unidades não tinham área de dimensão satisfatória, sobretudo para a secagem de roupas. A solução, incomum na época, foi bem aceita pela população.

A pequena disponibilidade de recursos determinou o emprego de materiais que se apresentavam mais econômicos: concreto revestido, tijolo furado, lajes nervuradas pré-fabricada e esquadrias de madeira. O arquiteto lamenta, entretanto, não ter sido possível utilizar materiais mais resistentes que poderiam evitar problemas de manutenção, especialmente nas fachadas.

